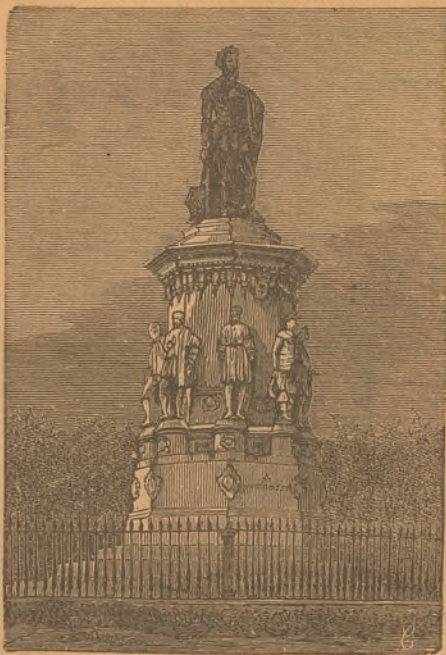


O CENTENARIO DE CAMÕES

POR

M. PINHEIRO CHAGAS



EXPLICAÇÃO DA CAUSA
dos

Festejos de 10 de Junho de 1880

2

O CENTENARIO
DE
LUIZ DE CAMÕES

POR
M. PINHEIRO CHAGAS

BREVE EXPLICAÇÃO
DA COMMEMORAÇÃO NACIONAL EM 1880



LISBOA
IMPRESA DE J. G. DE SOUSA NEVES
65, Rua da Atalaia, 67
1880



Ao vêr a asafama que vae por esse paiz todo, empenhado na celebração do tri-centenario de Camões, pergunta naturalmente o povo, que sabe apenas que Luiz de Camões foi um poeta illustre, o motivo por que assim se celebra a memoria de um homem que fez versos, quando era mais natural que se celebrasse com pompa o centenario de algum dos nossos grandes navegadores, de algum dos nossos grandes estadistas, de algum dos nossos grandes generaes.

A esta pergunta, que naturalmente o povo faz espantado, responde-se que Camões é o symbolo da patria, mas o povo fica realmente sem comprehender melhor, e, verdade verdade, parece-nos que tem rasão.

Vamos a vêr se conseguimos explicar-lhe bem em linguagem chã e comesinha a significação d'este grande homem e a significação d'estas grandes festas.

Para isso duas palavras a respeito da nacionalidade portugueza.

Portugal, como hão de saber e como o aspecto do mappa lh'o está indicando, fez sempre parte integrante da península hispanica, e em tempos remotos nem sequer se suspeitava que podesse haver n'este canto do occidente uma nação á parte. Effectivamente os nossos rios são todos ou quasi todos hespanhoes, as nossas seras são ramificações das sarranias hespanholas, e a natureza não estabeleceu entre um e outro paiz a minima solução de continuidade. O Minho, o Lima, o Douro, o Tejo e o Guadiana entram por Portugal dentro sem alterar o murmurio das suas aguas, nem a placidez ou a impetuosidade da sua corrente, as montanhas não quehram na fronteira a curva flexuosa dos seus serros, não ha nada que indique a mudança de um para outro paiz. Roma considerou justamente como Hespanha todo o territorio que se estende entre os Pyreneus e os dois mares que banham a Eu-

ropa meridional, o Mediterraneo e o Oceano, e, se estes hespanhoes do occidente adquiriram fama de mais ousados, principalmente depois das façanhas de Viriato, tambem os cantabros tiveram fama de indomaveis, sem que por isso deixassem de ser considerados hespanhoes. Os godos, que se seguiram aos romanos, tambem estenderam o seu imperio por toda a peninsula, e os arabes da mesma fórma. Quando principiou porém a reacção contra esses invasores mahometanos, começou a haver separações filhas dos incidentes da luta. Em primeiro logar a Hespanha achou-se dividida em Hespanha arabe e em Hespanha christã. Esta, á medida que foi crescendo, foi-se dividindo tambem, e no seculo XII havia na Hespanha christã quatro reinos perfeitamente distinctos e muitas vezes divididos, Aragão, Navarra, Castella e Portugal.

A Navarra era um reino meio hespanhol meio francez, que tarde ou cedo tinha de desaparecer, como desapareceu, indo a Navarra franceza para França, e a Navarra bespanhola para a Hespanha; mas o Aragão e Castella e Portugal, esses constituiram tres reinos perfeitamente distinctos e independentes, cada um com a sua

lingua, cada um com os seus costumes, cada um com as suas tendencias.

O Aragão ficava á borda do Mediterraneo, Portugal á borda do Oceano, Castella no meio. Para que a Hespanha constituísse a sua poderosa unidade era claro que tinha de ser Castella o nucleo. Indicava-o a sua posição geographica.

Mas o Aragão que tinha a Italia defronte, a Italia cujo destino foi por muitos seculos o de ser escrava, para esse lado dirigiu a sua actividade, conquistou a Sicilia, conquistou a Sardenha e fez-se perfeitamente um reino mediterraneo.

Portugal, depois de chegar no Algarve á fronteira do Oceano, começou a namorar a Africa e a namorar as profundidades mysteriosas das vagas, que as suas caravellas principiaram a devassar. Fez-se essencialmente um reino oceanico.

Castella, vendo os seus dois visinhos occupados de coisas muito diversas de Hespanha, deliberou levar ella por si a cabo a conquista da Hespanha arabe, e só e exclusivamente com o reino de Castella tiveram de se haver os ultimos descendentes dos califas orientaes.

Chegou o seculo xv que foi em toda a Europa

o seculo da unificação, e na península sentiu-se tambem essa necessidade.

Como se faria a unificação? Seria pela adjuncção do elemento aragonez ao castelhano, ou pela adjuncção do elemento castelhano ao portuguez? A questão pleiteou-se nos campos de batalha: de um lado Affonso v de Portugal, do outro Fernando de Aragão. Toro dicidiu a contenda. A Hespanha formou-se com Aragão e Castella, e Portugal fez casa á parte.

Mas note-se: Aragão e Castella não se confundiram, juxtapozeram-se. Aragão conservou os seus foros e as suas liberdades, conservou a sua lingua, conservou um pouco a sua autonomia. O trabalho dos Philippes foi annullar as differenças.

Philippe II conseguiu até realisar a sonhada unidade peninsular. Portugal caiu-lhe nas garras, conservando tambem, como o Aragão, os seus foros e isenções, a sua lingua e a sua autonomia, Philippe II vibrára os golpes mortaes, o conde-duque de Olivares deu o golpe de misericordia. O Aragão succumbiu, Portugal reagiu e com tal força que soube arrancar aos ferros de Castella a sua restaurada independencia.

Porque é que o Aragão succumbiu? porque é que Portugal resuscitou? Porque desapareceu para sempre a lingua aragoneza? Porque é que a portugueza se conservou sempre vigorosa e florescente?

Porque nós tivemos Camões?

Luiz de Camões nascera em Lisboa em 1524, estudára em Coimbra, mostrára sempre um genio ardente e bellicoso. Veio para a côrte, e namorou-se de uma formosa senhora chamada D. Catharina de Athayde; perseguições de parentes ou escrupulos do rei fizeram com que estes amores lhe rendessem um exilio em Santarem. Militou em Ceuta, que era a escola bellica dos portuguezes de então. Ahi perdeu um olho, voltou á patria, continuou a mostrar-se turbulento e revoltoso, partiu afinal para a India, combateu, versejou, visitou o theatro das glorias portuguezas, creou desejo de as cantar n'uma epopéa que as immortalisasse, partiu para Macau nomeado para um logar de provedor de defuntos e ausentes, ahi compoz uma grande parte do seu poema, voltou a Goa, naufragou nas alturas do Cambodge, salvou-se a nado e salvou o seu poema tambem, em Goa novos dissabores o esperavam, con-

triedades de todo o genero; regressou á Europa tão pobre como partira, mas voltava a enriquecer o paiz, porque trazia comsigo os *Lusiadas* immortaes.

Chegou ao reino em deploravel conjunctura. Ardia a peste em Lisboa. Camões que partira alegre e folgazão, entrava no Tejo profundamente melancholico. Publicava o poema em 1572. N'esse mesmo anno duas edições se imprimiam, caso rarissimo em Portugal em todos os tempos, extraordinario no seculo xvi. Recebeu do rei uma pensão, paga irregularmente, porque n'este meio tempo sobrevieram as preocupações de Africa, D. Sebastião preparava uma expedição que ia terminar com o mais terrivel desastre da nossa historia: todo o dinheiro era pouco para esses gastos excepçionaes. Camões, pobre, enfermo, tendo por companheiro quasi unico o Jáu seu escravo que do oriente o acompanhara, vendo sua mãe velhissima a pique de ficar absolutamente desamparada, vendo as desgraças que ameaçavam a sua patria, sentiu o coração retalhado por angustias sem conto. Expirou a 10 de junho de 1580, e a Providencia quiz ao menos poupar-lhe o doloroso espectaculo da entrada dos hes-

panhoes em Lisboa que se effectuou dois mezes depois. Mas teve a consciencia de que a patria lhe não sobrevivia. « Tanto a amei, dizia elle, que quiz morrer n'ella e com ella. »

São palavras textuaes de uma das suas ultimas cartas, não são invenções de uma rhetorica banal.

Imagine-se agora que o grande poeta não escrevia a sua grande epopéa, que não dava á nossa lingua esse monumento immorredouro. É certo que Portugal já tinha uma litteratura notavel, que João de Barros escrevera as suas *decadas*, Antonio Ferreira a sua tragedia, Gil Vicente as suas maravilhosas comedias; mas ainda muitos dos nossos poetas escreviam em castelhano, não havia uma obra verdadeiramente grande e notavel em que se affirmasse perante o congresso litterario das nações a vitalidade portugueza. Esse monumento deu-lh'o Camões com os *Lusiadas*, e por tal forma foram elles o grande monumento da lingua patria que a sua linguagem nem teve os exaggeros classicos da linguagem dos seus contemporaneos, ficou sendo a boa lingua nacional, a lingua popular e a lingua erudita, intelligivel para todos, para o ignorante e para o sabio.

Com os *Lusiadas* a lingua portugueza adquiriu a sua independencia no mesmo momento em que a patria a perdia, e quando a lingua não succumbe, difficil é tambem que succumba a vida nacional. Adão Mickiewicz, o poeta anonymo da Polonia, e outros escriptores, que conservaram, apesar dos esforços da Russia, a lingua polaca viva e florescente, fizeram mais pela vitalidade ainda hoje vigorosa d'essa nação infeliz, do que Kosciusko ou outro qualquer dos heroes das diversas insurreições. E a Russia bem o sabe, bem o sabem todos os povos oppressores, que onde mais pretendem actuar, quando pretendem assassinar uma nação, é na escola da instrucção primaria, é na litteratura. Querem matar o idioma na boca das creanças e na voz dos grandes poetas, porque sabem que um povo morto é um povo moribundo.

Mas não só o grande brado de Camões deu voz, e voz de mil echos ao povo portuguez, mas deu-lhe tambem a consciencia da sua nacionalidade. O poema de Camões reuniu a narrativa de todas as glorias, e foi o echo sublime de todas as generosas tradições. Era o livro que compendiava a nossa missão providencial, como na

Biblia se compendia a missão do povo hebraico, e assim tambem como para os judeus, que não teem patria na terra, constitue a *Biblia* a sua patria ideal, assim foi no captiveiro dos sessenta annos o livro de Camões o laço commum de todos os portuguezes, e é ainda hoje a expressão mais brilhante e mais completa da nossa nacionalidade.

Percebem agora qual o motivo por que a festa de um poeta tomou o character de festa nacional? É porque o livro de Camões é mais do que um poema, é a nossa *Biblia*, é porque os versos de Camões foram mais do que uma poesia sublime, foram a voz commovida da patria, e Portugal, glorificando Camões, glorifica-se a si proprio, faz a festa do orago da sua nacionalidade, e lança aos olhos da Europa, n'esta quadra de decadencia, a affirmação energica da sua autonomia, como ha trezentos annos a appareção do poema de Camões foi, n'uma época de sombra e de morte, a affirmação gloriosa da sua vitalidade.

Mas ainda mais: da mesma fórma que o poema de Camões não é simplesmente uma epopéa erudita, e tem todos os caracteristicos de uma

d'essas epopéas nacionaes, que brotam espontaneamente da alma de um povo, assim tambem as festas de Camões não são hoje uma cerimonia official, uma affirmação artificial da nacionalidade portugueza, são a festa espontanea do paiz, porque o paiz tem a consciencia da sua vitalidade e da sua força.

Corresponde este movimento ao periodo de agitação em que Portugal se empenha em continuar a obra dos nossos maiores, colonizando e explorando scientificamente a Africa, corresponde ao desenvolvimento de todas as nossas forças vivas, ao grande trabalho de expansão que se está manifestando no seio da patria. Esse trabalho póde ser interrompido por invejas e malquerenças estranhas, mas Portugal, que tem hoje a consciencia scientifica da sua força e da sua missão, que avalia a vitalidade da sua raça pelo facto incontroverso de ter fundado na America do Sul um vasto e poderoso imperio, prosegue na sua obra, e, da mesma fórma que Camões affirmava no seu grandioso poema os serviços prestados pela patria á civilização portugueza, affirma hoje tambem, reunindo-se espontaneamente em torno da imagem sagrada do grande poeta, a conscien-

ciã do papel que lhe incumbe representar na historia universal, e a firme vontade de cumprir os seus deveres e de se empenhar com renovada energia na grande obra da civilisação.

Vende-se na officina de encadernador de Fernandes & C.^a, rua do Crucifixo, 87.

Remette-se para a provincia, cada dez exemplares 400 réis, a quem enviar a importancia em estampilhas ou valles do correio.

X
Historia Universal de Cesar Cantu reformada, accrescentada e ampliada por A. Ennes, edição da Empreza Litteraria Fluminense, rua da Barroca, 107.

Está em publicação o 5.^o volume.

Ainda se recebem assignaturas para esta importante obra podendo o assignante receber dois ou quatro fasciculos por mez — preço do fasciculo 200 réis sendo em Lisboa e 220 pelo correio.